

Oralidade, escrita e servidão afrodiáspórica: uma leitura midiática de Torto Arado¹

José Cardoso FERRÃO NETO²
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ

RESUMO

O artigo propõe uma leitura midiática do romance Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior (2018). Tenta desvendar o ecossistema comunicacional de uma comunidade quilombola ficcionalizada na obra, urdido no encontro e na dialética entre oralidades e letramentos, e aponta para as mídias que se produzem em meio à vida e à experiência da servidão de herança afrodiáspórica, representada na narrativa. Utiliza do referencial teórico da antropologia cultural e da Escola de Toronto, da metodologia da História Cultural e do pensamento histórico-sociológico brasileiro, para o entendimento acerca da herança escravista e sua inegável relação com os regimes de processamento da informação, no país.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação quilombola; oralidade; letramento; literatura.

Introdução

O romance Torto Arado, de Itamar Vieira Jr., localizado geograficamente, ficcional e culturalmente na fazenda Água Negra, na região da Chapada Diamantina, na Bahia, e ambientado em várias décadas do século XX, tem referentes sócio-históricos importantes, dentre os quais: a situação dos descendentes de escravos libertos e fadados a continuar a viver em regime de servidão; a constituição de comunidades quilombolas em terras dominadas pelo patrimonialismo e o mandonismo (SCHWARZ, 2019) e a gestação de um rico sistema de crenças, em cuja composição se encontram elementos das religiões afrodescendentes, indígenas e de colonização europeia, que também constituem o povo brasileiro. Mas, para além dessas temáticas, das quais muito se pode dizer, encontram-se, igualmente, extensas marcas textuais acerca do processamento da informação numa comunidade quilombola, empreendido pelos sujeitos históricos em circunstâncias diversas (e adversas!), que desnudam ontologias e cosmovisões diferenciadas, inovadoras e intrigantes.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiáspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo da UFRRJ, e-mail: ferrao@ufrj.br.

Este artigo busca elucidar as contribuições do romance *Torto Arado* à compreensão dos meios e modos de comunicação representados nessa comunidade reconstruída ficcionalmente, porém ancorada no real, como tecnologias e mediações presentes no cotidiano de um grupo social afrodiáspórico e sua luta por autoafirmação e libertação dos regimes opressores construídos histórica e culturalmente.

Metodologia

Aprendemos com a História Cultural que é possível fazer perguntas aos textos, ficcionais ou não, que muitas vezes não coincidem com a intenção do autor (BURKE, 2005; CHARTIER, 1990). Também a literatura se presta a leituras diversas e hermenêuticas inusitadas. Uma delas, a que ora nos propomos, pretende indagar os habitantes de Água Negra - a fazenda que abriga os quilombolas de *Torto Arado* – a respeito de como produzem, armazenam e colocam em circulação as mensagens de que fazem uso no cotidiano; de que modo estes indivíduos fabricam seus próprios conteúdos e formatos, apropriam-se de outros e constroem visões de mundo atravessadas pelo processamento da informação; ainda, como se configura a memória individual e comunal dos acontecimentos e condicionamentos do agir e do padecer humanos, naquela paisagem comunicacional delimitada no tempo e no espaço da ficção. E onde encontrar tudo isso no romance?

As respostas das perguntas que se fazem aos textos precisam ser cavadas nas entrelinhas, nas marcas e nos espaços em branco da narrativa, naquilo que muitas vezes não está óbvio nem aparente. A partir dos diálogos, das descrições e narrações de *Torto Arado*, por exemplo, pode-se depreender de que maneira se dá o aprendizado oral pela imitação e o saber-fazer cotidianos ligados ao trabalho na terra; perceber como, no decorrer da narrativa, redes de conversas e contação de histórias vão se formando e se firmando como elementos-chave da busca pela sobrevivência e afirmação identitária; entender a função do jarê que ultrapassa a de uma mera manifestação religiosa, para se tornar elemento fundante de resistência e emancipação do sofrimento; perceber novos modos de escuta que se desenvolvem no contato com os fenômenos da natureza e seu diferencial na composição do ecossistema comunicacional daquela paisagem. Além disso, as linhas escritas por Vieira Jr. dão a ler uma expressiva circularidade entre o oral e o escrito, através não apenas da presença das instituições tradicionais das chamadas

cultura popular e letrada, como também pelo desejo de ascensão ao letramento e sua apropriação com vistas à transformação das condições de existência.

Fundamentação teórica

Oralidade e escrita são consideradas, aqui, como regimes de processamento da informação em que se formam os sujeitos históricos (FERRÃO NETO, 2010). São muito mais do que “fala” ou “escrituração”, termos com os quais não se confundem, apesar de serem estas as manifestações mais evidentes das chamadas “ecologias cognitivas” (LÉVY, 1993). Quando uma personagem do romance diz, por exemplo, que “logo meus pés conhecerão este pedaço de terra sem que meus olhos precisem ver o chão”, o que está reafirmando, para o pesquisador, é o quanto a *tactilidade*³, a operação conjunta dos sentidos humanos, é acionada para conhecer o mundo e dele extrair significação e o quanto o corpo se torna, ele próprio, o suporte material necessário a essa tipologia cognitiva. Em outro trecho da obra, quando a personagem do camponês que virou líder sindical retorna à fazenda, funda uma associação de trabalhadores, defende uma maior organização destes e encontra resistência de muitos, o que se pode ler é o efeito da escrita como tecnologia que faz surgir o indivíduo autônomo, capaz de pensar por si e de repensar a tradição a partir de uma outra racionalidade (HAVELOCK, 1996). É o momento em que a personagem passa a não apenas enxergar o território de um ponto de vista multidimensional, como também a inseri-lo num contexto de passado, presente e futuro, em que somente a longa duração histórica é capaz de explicar as causas da servidão e fornecer os instrumentos de resistência e luta. A lógica da escrita, portanto, passa a colaborar na sustentação às revoluções que doravante ocorrerão na fazenda, sob nova liderança.

O jarê é a grande mídia de Água Negra⁴. A religião, que aglutina elementos afrodiáspóricos com outros de origem indígena e kardecista, além da forte influência do catolicismo popular, é o que move os corpos e as mentes na fazenda. O jarê determina o

³ O termo é cunhado por Marshall McLuhan e “utilizado não apenas em referência ao sentido do tato [toque], mas para descrever a qualidade de um meio de requerer um alto grau de envolvimento de um ou mais dos outros sentidos”. In: GLOSSARY OF McLUHAN TERMS AND CONCEPTS. Toronto: The McLuhan Program in Culture and Technology, University of Toronto. Disponível em: <<http://www.utoronto.ca/mcluhan/marshal.htm>>.

⁴ Utiliza-se, aqui, a concepção orgânica e ampliada de meio de comunicação, segundo McLuhan, para quem o meio é a extensão dos sentidos e faculdades humanas, além daquilo “que molda e controla a escala e a forma da ação e associação humanas” (1964, p.9).

calendário festivo dos santos e encantados, as reuniões e “brincadeiras”, onde, ao lado do canto, da dança e das manifestações dos guias espirituais, o povo conta histórias dos antepassados, revive a própria saga, atualiza a memória comunal e transmite às gerações seguintes os ensinamentos deste e de outros mundos. É no jarê que o quilombola se reencontra com a ancestralidade, renova as forças para resistir à servidão e imprimir sua identidade numa terra que não lhe pertence de fato, mas a que pode reivindicar de direito. Face à transitoriedade da vida na fazenda, onde tudo é provisório, incerto e angustiante, o jarê é a instituição coletiva que organiza a vida, dita as regras morais e o fundamento ético da experiência; é fonte de cura, apaziguamento, conforto e esperança. No jarê, os pares se formam e partem para a vida em comum; as relações de compadrio se fortalecem; as notícias de longe chegam e as de perto se espalham; a chuva é invocada e desce à terra para alegria dos viventes e as mensagens do além encontram seu destino. O jarê como mídia que organiza e gere a experiência em Água Negra tem seu guardião da memória: Zeca Chapéu Grande, o *medium*, médium e mediador, o curador do lugar e pai das protagonistas do romance, as irmãs Bibiana e Belonísia. É, sem dúvida, um intérprete, na acepção conferida por Zumthor (1993), o “elocutor concreto”, detentor da voz que é presença e lhe confere autoridade e liderança, em cuja performance se dá a medição do tempo social e os encontros entre transcendência e imanência, África e Brasil, escravismo e mandonismo, alforria e luta pela terra.

Análise e principais resultados

A análise empreendida em Torto Arado mostrou um número grande de marcas textuais corroborativas de um ecossistema midiático consistente, na paisagem comunicacional do povo quilombola representado na trama de Vieira Jr. Nas entrelinhas da narrativa, foi possível encontrar vestígios de um sistema de comunicação predominantemente oralizado, dada a condição histórico-literária em que se configurou a comunidade em questão, mas onde o letramento se insere como regime de transformação da experiência. O próprio romance sugere categorias que vão além do estudo das personagens, cenário, contexto histórico e configuração da intriga. Num movimento em que o objeto direciona a análise (o que, diga-se de passagem, é o que deve acontecer), aparecem novos elementos que exigem um posicionamento por parte do pesquisador frente às questões que o texto suscita: o regime da servidão como modo de produção material e simbólica da existência; o jarê com status e função de mídia; a remediação

mediática na comunicação entre as protagonistas do romance; práticas, apropriações e representações do letramento numa comunidade oralizada; a ecologia cognitiva na composição da ancestralidade e da identidade quilombola, entre outras. Tudo isto, mexido e remexido no caldeirão teórico-metodológico da análise, resulta numa espécie de cartografia da comunicação de uma comunidade quilombola, tal como é representada na escrita literária de Itamar Vieira Jr. O estudo da obra em questão trouxe à tona a maneira como os modos de comunicação – oralidade e letramento – são essenciais ao entendimento das configurações identitárias, suas ancestralidades, seu trabalho de memória e sua luta por transformação social.

Considerações Finais

A literatura, no entender de Antonio Candido, “é um tipo de comunicação inter-humana (...), por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade”. É, portanto, um sistema organizado, que dialoga com a realidade empírica, inserido num esquema de produção, circulação, consumo e representação – práticas culturais de que participam os sujeitos históricos. Candido salienta esse sentido histórico da literatura e seu “excepcional poder comunicativo, tornando-se a língua geral duma sociedade à busca de autoconhecimento” (2006, p. 25-29).

O romance *Torto Arado*, quando analisado sob uma perspectiva midiático-comunicacional, foi capaz de elucidar algumas questões emblemáticas que historicamente configuraram tanto uma identidade quanto uma ancestralidade quilombolas. Isto porque a narrativa literária, embora despretensiosa quanto a reivindicar uma verdade absoluta, é capaz de revelar “uma visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade” (CANDIDO, 1970). O que mais nos interessou, neste trabalho, foi desvendar as mentalidades, os padrões de pensamento e organização do saber, os modos de comunicar e processar a informação, que também atravessam e compõem essas urdiduras identitárias. Neste sentido, a ligação de determinadas personagens à terra e aos ciclos da natureza é capaz de se refletir em modos de comunicação atravessados por uma cosmogonia oral em que o tempo cíclico, o espaço compartilhado e a memória ligada aos objetos do cotidiano e às imagens de culto acabam por constituir um ecossistema midiático extremamente tátil. Em outros momentos, o afastamento de duas das personagens da comunidade para o aprendizado letrado e seu posterior retorno à condição

oralizada foi revelador do quanto a escrita e a impressão como tecnologias se constituem em instrumentos de luta emancipatória da insistente e nefasta condição de servidão em que foram inseridas as comunidades da diáspora africana, no Brasil.

A circularidade da cultura (GINSBURG, 1987), presente na trama do romance, aponta para uma oralidade ambígua, que ora trabalha como instrumento de resistência, ora se exprime em conformidade ao sistema de exploração do trabalho quilombola na fazenda. O letramento, que a princípio afasta as personagens do convívio comunitário, acaba por trabalhar a favor da emancipação da servidão e da conquista do direito ao território. São estas e inúmeras outras questões que a obra de Itamar Vieira Jr. nos ajudam a desvendar e às quais dedicamos nossa atenção.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____. **Literatura oral no Brasil.** São Paulo: Global Editora, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FERRÃO NETO, José. Oralidade. In: MELO, José Marques de (ed.). **Enciclopédia Intercom de comunicação.** S. Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.
- GINSBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** S. Paulo: Cia das Letras, 1987.
- GLOSSARY OF McLUHAN TERMS AND CONCEPTS. Toronto: The McLuhan Program in Culture and Technology, University of Toronto. Disponível em: <<http://www.utoronto.ca/mcluhan/marshal.htm>>.
- HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão.** Campinas: Papyrus, 1996.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era da informática.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- McLUHAN, Marshall. **Understanding media: the extensions of man.** London: Routledge, 1964.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto arado.** São Paulo: Todavia, 2019.
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval.** S. Paulo: Cia das Letras, 1987.